



O Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e indígena. Reconstruindo saberes

JOSE FERREIRA FILHO
JACQUELINE MENEZES BARBOSA
MARTA DE OLIVEIRA COSTA

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Resumo:

Este trabalho tem a pretensão de esboçar uma pequena reflexão sobre o ensino da Cultura Afro-brasileira e africana que se tornou obrigatória em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, do ensino fundamental até o médio com a lei que (10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08). Entendo que a lei por si só não será contemplativa para que na prática desse ensino traga informações além das que já possuímos, torna-se necessário que a tragamos mais conhecimento a respeito do tema de maneira menos estereotipada, uma vez que é difícil transbordar as linhas já conhecidas. Tentaremos problematizar a importância de reescrever a história, partindo da leitura de dois livros: Casa Grande e Senzala e O povo brasileiro, com intuito de produzir melhores resultados de ensino.

A Lei (10.639/03 e 11.645/08) E SUA CRIAÇÃO.

A lei 10.639/03 determinou a partir de então a obrigatoriedade em nível fundamental e médio do ensino da História e cultura Afro-Brasileira, determinando que o conteúdo programático das aulas em especial as de educação artística, Literatura e História Brasileiras, incluísse essa história juntamente com a sua contribuição na formal cultural brasileira, seja ela no campo, econômico, social e político e ainda luta dos negros.

A lei 11.645/08 acrescentou a obrigatoriedade juntamente com a já existente da cultura Afro-Brasileira, inserindo desta maneira a obrigatoriedade da cultura Indígena nos níveis de cursos mencionados acima, com as mesmas obrigações de reconhecer e estudar aspectos ligados a cultura indígena, como forma de valorização cultural, visto que ela também é uma formadora da cultura brasileira.

Com a alteração da lei, o ensino obrigatório passou a ser intitulado: “O Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e indígena, com propósito de englobar a valorização das raízes culturais formadoras da cultura brasileira, assim como, desviar o olhar egocêntrico que permeia a valorização de nossa cultura, restando espaços curtos e estereotipados para essas duas bases culturais.

A introdução da lei que determina ações que visam valorização de aspectos culturais da cultura Afro e posteriormente à indígena, foi alcançada por inúmeras lutas, buscando uma maior valorização dos aspectos ligados a esses dois segmentos, visto que, essas temáticas foram retratadas muitas vezes de forma estereotipada e pelo olhar do outro, ou seja, pelo olhar de quem está de fora do contexto. Esse reconhecimento imprime a possibilidade de olhares que irão imprimir outras questões, outras valorizações.

reconhecimento dessa discriminação fez com que o Ministério da Educação, comprometido com a pauta de políticas afirmativas do governo federal, implementasse um conjunto de medidas com o objetivo de corrigir injustiças e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro, através de uma nova visão da formação da sociedade nacional. É notório que ao longo de sua história nosso país estabeleceu um modelo social excludente com reflexos na área da educação e cultura, impedindo que milhões de brasileiros tivessem o pleno conhecimento da sua história. (PESSOA, Medeiros,2010 p.2)

A lei é clara quanto à pretensão da valorização da cultura Afro e indígena, uma vez que, são formadoras étnicas da nossa população, entretanto sabemos que a lei por si só não consegue resultados, tornado-se necessário que os “educadores”, tornem-se reais meio dessa valorização, buscando novos olhares no que diz respeito a esses grupos étnicos. A lei diz que são obrigatórios esses estudos, todavia, devemos colocar olhar crítico para o manuseio dessas aulas, no que diz respeito às fontes históricas produzidas por pessoas que não pretendiam valorizar os três principais troncos culturais da formação brasileira, ou até mesmos não os viam como formadores.

Os africanos constituem-se num tema que já foi trabalhado por alguns intelectuais nacionais com diversas perspectivas. No entanto, a história está sendo reescrita, pois os historiadores olham para o passado a partir dos problemas do presente. Com isso surgem novas interpretações e problemas. Assim alguns problemas são revisitados e fontes históricas criadas. E com a temática dos africanos isso não ocorreu de forma distinta. (SANTOS, J.C, 2010.45)

A história dos negros, indígenas, assim como aponta Santos é um tema bastante trabalhado pelos historiadores, todavia, ela nos chama a atenção, para construímos um olhar renovado para essa história, com novas expectativas, questionamentos, problemas, imprimindo outros valores de valorização cultural.

CASA GRANDE E SENZALA E O POVO BRASILEIRO: A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO.

“Casa Grande e Senzala” de GILBERTO FREYRE (1900-1987) e o “Povo brasileiro” de DARCY RIBEIRO (1992-1997), são trabalhos históricos de dois brasileiros que tentaram em épocas distintas entender a formação do Povo BRASILEIRO, uma vez que, esses dois autores entendiam que essa formação foi resultante de vários aspectos, ou mais, foi um resultado de diferentes etnias: O índio, o branco e o negro, no qual podemos visualizar em determinados aspectos maiores e menores contribuições.

Casa Grande foi lançada no dia 1º de dezembro de 1933, sendo o primeiro livro publicado do então pernambucano Gilberto Freyre. O livro está sub-intitulado: *Formação da Família sob o Regime da Economia Patriarcal*; e ainda está configurada como a introdução à história da sociedade Patriarcal no Brasil.

A própria apresentação do livro, nos conduz a uma reflexão parcial do que seria essa formação da família e como não dizer da população brasileira, já que a família é formada por essas pessoas. O que nos chama atenção é a forma que FREYRE, nos apresenta essa formação, uma vez que, determina dois lugares de distintos e de relações dessa formação: A casa Grande e a Senzala, interligados nessa formação cultural. Todavia torna-se necessário a introdução com a leitura dessa obra para entender com Freyre entende a formação e se posiciona em frente das etnias formadoras do brasileiro.

Seu trabalho é dividido em cinco capítulos, dentre os quais, investiga o índio, o colonizador português e o negro escravo, como principais formadores dessa população, entretanto, neste breve trabalho investigaremos como FREYRE e posteriormente DARCY, entende o negro escravo como formador da cultura brasileira, tendo em vista, que esse material possa ser utilizado como meio referencial de estudo dessa formação e da cultura africana.

O IV capítulo no qual tem o seguinte título: *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*. Esse capítulo tem a proposta de identificar contribuição do negro africano, no qual inicia sua fala destacando a grande presença na formação do povo, no qual cita:

Todo brasileiro, mesmo alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo- há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil -a sombra, o pelo mesmo a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do Negro. A influência ou vaga ou remota, do africano. (FREYRE, Gilberto, 2013, p. 367).

A passagem acima evidência muito do pensamento de FREYRE, nos indicando a grande influência do tronco negro na formação brasileira, mas nas entrelinhas nos leva a pensar que a sua contribuição passa literalmente pela reprodução uma vez que cita:

É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar no Brasil, como nas plantações *ante-bellun* da Virgínia e das Carolinas – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil- talvez explique por si só de predileção, mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra. (FREYRE, Gilberto, 2013, p. 368)

Um olhar mais atento para essa leitura deve compreender que a negra, ou o tronco africano, não seja

simplesmente uma preferência sexual dos brancos pelos negros, uma vez que, essa situação é na verdade uma cena da condição social ao qual se encontrava o negro. Situação que conota a posição de escravo, se enquadrando desta forma uma situação vulnerável. Visto que, quarenta e cinco anos separam a escravidão do lançamento do livro e desta forma de Freyre.

A grande presença do negro na nescigenação e, portanto na formação cultural brasileira, deriva também pela ação que sofreu, permanecendo por mais de trezentos anos na condição de escravo, no qual nada lhe pertencia e sim era pertencido no mais brutal das situações, até o seu corpo é regido por alheios.

O *Povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro (1992-1997) foi lançado em 1995, três anos antes de sua morte e sessenta e dois anos após o lançamento de *Casa Grande e Senzala*, nele DARCY problematiza inúmeros aspectos que estão ligados a formação cultural brasileira. Também nesta obra, assim como foi realizado em *Casa Grande e Senzala*, lançaremos nossos olhos para o referencial da cultura negra no trabalho produzido por Darcy.

O nosso estudo ficará centrado no capítulo II, *A Geração Étnica*, mas precisamente a partir da página 102, demarcada: *Os afros-brasileiros*. Tentaremos destacar como Darcy reconhece a contribuição do negro africano a partir do seu olhar e entendimento.

A contribuição cultural do negro foi um pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão de obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais *passivo que ativo*, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se faz, como sua introdução sorradeira mas tenaz e continuada...) (RIBEIRO, Darcy.2006. p.102)

A visão que podemos ter a partir desse fragmento é a pouca importância dada por DARCY ao tronco africano na formação cultural, na qual a visualiza partindo somente da sua força de trabalho, aqui exercida no período colonial no trabalho com a cana de açúcar, em outro trecho ainda afirma que sua vida não duraria mais que sete a dez anos, essa abreviatura de vida se dá a partir da exaustiva carga de trabalho. Seu destino era morrer de estafa, que era sua morte natural. (Darcy, p.106)

Em sua vida nada mais resta ao negro, senão o trabalho árduo e o destino da morte, como ter tempo para influenciar valores dentro de uma sociedade que a suga suas forças de vida, não restando tempo para contribuições culturais.

Em outra passagem do livro relata que aconteceu no Brasil foi uma deculturação dos povos que aqui vivem e os que aqui chegaram, visto que eles precisaram diminuir suas culturas a fim de adequar-se as realidades físicas e culturais do encontro.

Outro processo dramático vivido por nossas populações urbanas é sua deculturação. Sua gravidade é quase equivalente à primeira grande deculturação que sofremos, no primeiro século, ao desindianizar os índios, desafricanizar os negros e deseuropeizar o europeu para nos fazermos. Isso resultou numa população de cultura arcaica, nas muito integrada, em que um saber operativo se transmitia de pais a filhos e em todos viviam um calendário civil regido pela igreja, dentro dos padrões morais bem prescritos. (RIBEIRO, Darcy. 2006.p.189).

Darcy tenta mostrar que houve na verdade uma adequação daqueles que participavam da formação cultural do ser brasileiro, devido todos os grupos étnicos tiveram que se adequar a nova realidade. Assim questionamos suas próprias palavras na qual afirma que o negro tem sua contribuição vetada e pouco ativa na formação cultural, uma vez que pouco restaria devido gastarem boa parte do tempo para o trabalho. Entendemos que para criar valorizações é necessário mostrar que as três principais culturas se adequaram ao local e com os demais participantes do enredo, ou seja, todos produziram seus valores com as ferramentas disponíveis e usuais que se encontrava nesse território.

Nesse mesmo trabalho, Darcy ainda nos chama atenção para a importância do olhar crítico em relação às fontes que nos são dadas, uma vez que, também transmitem os valores e entendimentos de quem as fizeram, necessitando que tenhamos o cuidado de olhar nas entrelinhas e assim tecer nossas também subjetivas apreciações.

Reconstruir esse processo, entendê-lo em toda sua complexidade, é meu objetivo nesse livro. Parece impossível, reconheço. Impossível porque só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor. Ele é que nos fala de suas façanhas. É ele, também que relata o que sucedeu aos índios e aos negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. O que a documentação copiosíssima nos conta é a versão do dominador. Lendo-a criticamente, é que me esforcei para alcançar a necessária compreensão dessa desventurada aventura. . (RIBEIRO, Darcy. 2006.p.27).

Assim devemos entender que a valorização só poderá se contemplar quando usamos nossa inclinação crítica. A lei é uma esfera que não adiciona sua contribuição, entretanto, os educadores tenham que se empenhar e muito para que a tão esperada valorização cultura afro- brasileira e indígena seja contemplada.

O OLHAR DIFERENCIADO PARA AS FONTES DA FORMAÇÃO CULTURAL: REESCREVENDO A HISTÓRIA.

O olhar diferenciado para obras e outros trabalhos que tratam desses dois grupos étnicos formadores é a principal forma para garantir que a lei seja amplamente, ou da melhor maneira possível cumprida, devido a necessidade de nos debruçar sobre esses e demais documentos a fim de produzir reflexões que exaltem as possibilidades de cada grupo mediante o tempo político e histórico, evitando posicionamentos estereotipados e de valor, afirmando que um ou outro seja mais, ou melhor, formador do povo brasileiro.

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação com a sociedade que o produziu. (SILVA, 2006, p.162)

Construir a valorização das culturas africanas e indígenas, garantidos por lei é, portanto lançar um olhar diferenciado para as fontes apresentadas por aqueles que se debruçam para os ensinamentos nas escolas fiquem permeados por olhares estagnados de questionamentos e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve trabalho não tem a intenção de tecer críticas em torno das duas principais obras trabalhadas, visto que não estamos colocando juízo de valores, no entanto, chamamos atenção para a problemática que envolve a lei estabelecida nos currículos escolares de ensino fundamental e médio e gradativamente nos grades curriculares nos bancos das universidades, devido à necessidade de um olhar mais atento para a administração de cursos que contemple essa abordagem.

Sabendo que a lei sozinha não implicará a devido valorização determinada pela lei da cultura afro e indígenas, consideremos que é necessário lançar novos olhares, traçando mecanismo que possam recontar a história, tanto para os documentos já escritos, como também a forma que interpretamos as fontes existentes, uma vez que devemos problematizar não somente a cultura e fatos colocados, mas todo o contexto da época produzida e seus produtores. Torna se necessário investigar pontos além da cultura em si, devido essas investigações também servir para melhor entendermos melhor a história.

Recontar a história é recriar possibilidades que visualizem uma melhor interpretação daquilo que nos é dado, assim como afirma SANTOS (2010), quando nos alerta para a constante e necessária pesquisa entorno não somente da temática escrava ou indígena, mas sendo necessário como um todo na pesquisa histórica, trazendo nos olhares, a partir das reflexões impostas.

Quando fazemos a leitura de *CASA GRANDE E SENZALA*, devemos nos atentar para diversos fatores que contribuíram para que FREYRE nos contasse dessa ou de outra maneira a história, por exemplo, quando nos diz que a formação principal da sociedade brasileira está centrada na casa grande e na senzala associada ao sistema do patriarcado. É evidente que o contexto histórico e próprio contexto particular imprimam essa característica, uma vez que, o ano de publicação (1933), ainda persiste a grande população rural, com suas casas grandes e seus dependentes. Além do que Gilberto Freyre é filho de personalidades abastadas. Sua visualização é da Casa Grande, talvez esse fator imprima alguma escolha para essa reflexão e pesquisa. Era o contexto histórico vivido, assim partia suas reflexões.

DARCY e O Povo Brasileiro são visualizadores de outro contexto histórico. Darcy lança o seu trabalho já no final de sua vida e carreira, tanto academia, como de intelectual. O Brasil de 1995 é um Brasil mais urbano e com outras configurações de família, desta forma, plausível de distintas interpretações, que as de Freyre.

Até a certa exaltação do índio da formação dos brasileiros seja uma realidade de preferência devida uma boa parte de sua vida intelectual ser voltada para o estudo dos grupos indígenas, fundando o Museu do Índio, que dirigiu até 1947, além da sua colaboração na criação do Parque Indígena do Xingu. O seu envolvimento com a temática o índio é resultado do seu trabalho, pois se debruçava e muito para essa questão.

Interpretar a cultura afro-brasileira quanto a indígena, evidenciando seus aspectos culturais é uma maneira de exaltação e valorização dessas culturas como formadoras culturais. Somente a valorização dessas culturas é que podemos criar maiores possibilidades de conhecimento de nossas raízes.

Entendemos que a lei é um aspecto de suma importância, devido determinar formalmente a introdução permanente de estudos ligados ao tema, todavia, ela por si só não encontrará resultados, somente com a crítica e

estudos relacionados ao tema conseguiremos produzir resultados previstos nas leis estabelecidas.

A produção da valorização da matriz africana e Indígena não pretendeu dizer que essa ou aquela matriz formadora seja melhor ou de maior importância cultural. A lei quer assegurar que o estudo dessas raízes que por muito tempo foi colocada de forma coadjuvante, sejam abordadas de maneira mais democrática, visto que, é difícil transgredir a tradicional forma de contar e entender a história. Precisamos olhar nas entrelinhas, reescrever a história com olhar de renovação de valorização igualitária e sem julgamento de maior, ou melhor, contribuição formadora.

REFERÊNCIAS:

- Academia sergipana de letras. Biografia Darcy Ribeiro. < Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=438&sid=158>. > Acesso em 03/05/2015
- BRASIL. Lei nº 10.634/03, de dezembro de 2003. > Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm < Acesso em : 28/01/2015
- BRASIL. Lei nº 11.645/08, de março de 2008. > Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. > Acesso em: 28/01/2015
- FREYRE, GILBERTO. **CASA GRANDE E SENZALA**: Formação da Família brasileira sob o regime patriarcal. São Paulo. Global. 2013.
- RIBEIRO, Darcy. **O POVO BRASILEIRO**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2006.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **DICIONÁRIO DE CONCEITOS HISTÓRICOS**. São Paulo: Contexto, edição n. 2, 2006.
- IV colóquio de História, 4., 2010. São Paulo. **LEIS 10.639/03 E 11.645/08: (RE)CONSTRUINDO A HISTÓRIA AFROBRASILEIRA E INDÍGENA**. São Paulo. USP. 2010. 7p > Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.414.pdf> > Acesso em: 23/02/2015

[1] Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes - UNIT (2005). Possui Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luis de França (2006). Especialização LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais: Educação Especial pela Faculdade São Luis de França (2011). Cursando Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege) na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Graduanda no Curso de Letras/LIBRAS na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Tutora da Disciplina de LIBRAS em Cursos Diversos na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Email: jvjacqueline@hotmail.com

[1] Licenciada em História pela Universidade Tiradentes (2013). É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Educação Cultura e Subjetividades – GPECS/UNIT/CNPQ. Email: marta.dolicosta@gmail.com

[1] Licenciado em Letras Português/Inglês pela Faculdade Atlântico (2010). Possui Especialização em Educação Inclusiva e Libras pela Faculdade Amadeus. (2011) Cursando Especialização em Técnicas de Tradução e Interpretação e Livre Docência em Libras pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. (2014), Estudante do Curso de Letras/Libras na Universidade Federal de Sergipe UFS (2015.1). E mail: ferreirafilho04@gmail.com

Autora

[1] Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes - UNIT (2005). Possui Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luis de França (2006). Especialização LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais: Educação Especial pela Faculdade São Luis de França (2011). Cursando Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege) na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Graduanda no Curso de Letras/LIBRAS na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Tutora da Disciplina de LIBRAS em Cursos Diversos na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Email: jvjacqueline@hotmail.com

Coautora

[1] Licenciada em História pela Universidade Tiradentes (2013). É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Educação Cultura e Subjetividades – GPECS/UNIT/CNPQ. Email: marta.dolicosta@gmail.com

Coautor

[1] Licenciado em Letras Português/Inglês pela Faculdade Atlântico (2010). Possui Especialização em Educação Inclusiva e Libras pela Faculdade Amadeus. (2011) Cursando Especialização em Técnicas de Tradução e Interpretação e Livre Docência em Libras pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.(2014), Estudante do Curso de Letras/Libras na Universidade Federal de Sergipe UFS(2015.1). E mail: ferrreirafilho04@gmail.com

Recebido em: 09/05/2015

Aprovado em: 10/05/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: